

***Harry Potter* em Paraisópolis: Contribuições para compreensão da recepção da obra no posicionamento local/global ¹**

Marco Polo Ribeiro Henriques²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

São apresentados pressupostos teóricos e metodológicos mobilizados em estudo que visa identificar as relações de produção de sentido surgidas a partir do contato da obra *Harry Potter* com leitores brasileiros moradores da comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. A inserção do objeto de pesquisa, portanto, é feita na problemática que estuda o complexo processo de interações, cruzamentos e negociações simbólicas surgido a partir do contato entre dimensões identitárias distintas. Também são apresentadas as primeiras incursões feitas em Paraisópolis com vistas à avaliação e andamento de pesquisa de recepção a ser realizada com leitores espontâneos da obra. Trata-se de estudo de caso que propõe a adoção das técnicas de grupo focal (de leitura e discussão) e entrevista em profundidade ou história de vida para coleta de dados e discursos que comporão material para análise da recepção da obra.

Palavras-chave: recepção em culturas urbanas; produção de sentido; hibridismo cultural.

Introdução

A franquia *Harry Potter* deve ser entendida como fato relevante da Comunicação na contemporaneidade, representante exemplar do cenário de convergência midiática descrito por Jenkins (2008), não apenas em razão de sua disponibilização e comercialização por múltiplas plataformas midiáticas – entre essas, sete volumes impressos que se destacam por haverem operado significativas mudanças no hábito de leitura de crianças e adolescentes nos planos mundial e nacional³ –, como também pela densa participação de fãs no processo de produção de conteúdos, conforme os conceitos de cultura participativa e inteligência coletiva (JENKINS, 2008). Tendo essa constatação como premissa, estamos desenvolvendo projeto de pesquisa, no PPG em Ciências da Comunicação da ECA, na linha Linguagens e Estéticas da Comunicação, que se propõe a estudar a complexa teia comunicacional de interações, cruzamentos e negociações simbólicas formada a partir da introdução da referida

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – PPGCOM, da Escola de Comunicações e Artes – ECA, Universidade de São Paulo – USP. Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: marcopolorh@usp.br.

³ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all&r=0>> Acesso em 1 jul. 2013. Cf. Galeno Amorim (org.), *Retratos da Leitura no Brasil*, São Paulo, Imprensa Oficial / Instituto Pró-Livro, 2008.

obra literária no mercado brasileiro⁴, relacionando como aspectos complementares o contexto e os processos de produção em que a obra foi concebida e difundida, a sua discursividade e as apropriações realizadas por leitores em âmbito local.

Trataremos aqui da terceira etapa do projeto, que diz respeito à pesquisa de recepção com leitores espontâneos moradores da comunidade de Paraisópolis, favela mais populosa da cidade de São Paulo⁵. Nosso interesse recai sobre as produções de sentido a partir do contato com a obra *Harry Potter*, de forma a identificar as dinâmicas que regem esse consumo e a consequente construção de significações. A pesquisa realizada em campo será de natureza qualitativa, combinando *corpus* (textos selecionados da obra analisados com apoio de conceitos bakhtinianos) e amostra significativa (leitores da obra moradores da comunidade de Paraisópolis identificados e selecionados para participarem do estudo de recepção). O ferramental teórico mobilizado compreenderá as áreas de Análise de Discurso, Estudos de Linguagem, Estudos Culturais e Estética da Recepção. A coleta de dados em campo será feita por meio do uso de estratégias e técnicas pertinentes ao universo da pesquisa qualitativa, especificamente grupo focal (MORGAN, 1997; GASKELL, 2002) e entrevista em profundidade (POUPART et al., 2008) e/ou história de vida (LOPES, 2005).

A realização da pesquisa encontra-se em planejamento e os resultados das primeiras incursões à comunidade de Paraisópolis são apresentados neste artigo para análise e discussão. Trata-se de uma fase preparatória que contribuirá de forma decisiva para a definição dos procedimentos de coleta, seleção e sistematização de evidências empíricas.

Corpus construído

Para a delimitação do *corpus* que servirá de base para desvendar as inter-relações do discurso da obra *Harry Potter* (edição brasileira) com o universo de leitores estudado na pesquisa de campo, etapa que se encontra em fase bastante adiantada em nossa pesquisa, debruçamo-nos sobre produção impressa de cerca de 3.300 páginas, que correspondem ao conteúdo completo da edição brasileira da série de livros *Harry Potter*. A proposta não foi

⁴ A obra, traduzida no Brasil por Lia Wyler e publicada pela Editora Rocco, é composta por sete volumes: *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (*Harry Potter e a Pedra Filosofal* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Chamber of Secrets* (*Harry Potter e a Câmara Secreta* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Goblet of Fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo* – tradução brasileira lançada em 2001); *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (*Harry Potter e a Ordem da Fênix* – tradução brasileira lançada em 2003); *Harry Potter and the Half-Blood Prince* (*Harry Potter e o Enigma do Príncipe* – tradução brasileira lançada em 2005); *Harry Potter and the Deathly Hallows* (*Harry Potter e as Relíquias da Morte* – tradução brasileira lançada em 2007).

⁵ Dados demográficos sobre Paraisópolis indicam que a comunidade tem entre 80.000 e 100.000 habitantes, dos quais 12.000 são analfabetos. Os moradores ocupam uma área de 800.000 metros quadrados na zona sul da capital paulista, onde são atendidos por sete escolas municipais, quatro escolas estaduais, cinco creches e dois postos de saúde. Disponível em: <http://paraisopolis.org/multientidades-de-paraisopolis/paraisopolis/>. Acesso em 30 mar. 2014.

estudar a obra no plano horizontal ou em extensão, abarcando a completude do texto dos sete volumes, e sim verticalmente (ORLANDI, 2010), elegendo-se montagens discursivas que decorrem do objetivo da análise, que consiste em compreender como se constituem os sentidos do “dizer” na obra moldados por condições sócio-históricas e sistemas ideológicos objetivos relacionados à figura do destinatário/leitor, o adolescente contemporâneo, precisamente a maneira como é percebido e compreendido e o modo como se presume o seu ato-resposta (BAKHTIN, 1997). Visa-se, portanto, à detecção dos elementos da discursividade ancorada no cotidiano, para o que nos apoiamos em postulados do pensador russo Mikhail Bakhtin⁶, notadamente aqueles relacionados à construção de mecanismos de responsividade (BAKHTIN, 1997).

Assim, do ponto de vista da relação que é estabelecida com o mundo, e mais precisamente com o interlocutor da obra, o leitor adolescente, é possível identificar diversos elementos pertinentes a esse determinado grupo social e ao contexto sócio-histórico por ele vivenciado: o ambiente escolar e suas situações típicas, nem sempre amistosas; a formação de laços de amizade e inimizade que duram uma vida toda; a relação, de respeito e também confronto, com os mais velhos; a conturbada manifestação do desejo; a perda de entes queridos e a mudança do olhar sobre a vida que isso provoca; os desvios de comportamento e as atitudes moralmente discutíveis; as escolhas e suas consequências etc.

Resumidamente, a história é ambientada na Inglaterra dos anos 1990 e narra a trajetória do personagem-título, um garoto órfão criado pelos tios que, ao completar 11 anos, descobre ser um bruxo e passa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A coleção registra a evolução gradativa do protagonista no uso da magia, permeada por situações práticas e conflitos de ordem existencial pertinentes ao período da adolescência, até ficar diante de seu maior desafio: enfrentar e derrotar o bruxo das trevas chamado Lord Voldemort, que pretende tornar-se o líder máximo da comunidade de bruxos.

O material sígnico coletado, pertinente à coletividade formada por adolescentes no contexto atual e a condições sócio-históricas específicas, dá conta de que a complexidade das atitudes e dos sentimentos do personagem não é comum aos heróis típicos encontrados nos romances de aventuras, mas à vida concreta, justamente porque é nela que a arte está inserida, conforme a perspectiva bakhtiniana. Em síntese, a atividade estética refrata o mundo, e é a partir da relação com o interlocutor, que não está em outro lugar senão no

⁶ Mikhail Bakhtin (1895 a 1975) é responsável por diversos trabalhos e publicações no campo dos Estudos de Linguagem, descobertos a partir da década de 1950.

mundo, que o discurso da obra se constitui enquanto enunciado concreto (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006).

Pressupostos teóricos da pesquisa de recepção

Conforme ressaltamos, na análise da discursividade, o objetivo consiste em compreender como se constituem os sentidos do “dizer” na obra literária *Harry Potter* moldados por condições sócio-históricas e sistemas ideológicos objetivos relacionados ao período da adolescência, tendo como mediador teórico o pensamento bakhtiniano. Já o estudo de recepção buscará desvendar as inter-relações até então desconhecidas desse discurso com o universo de leitores identificados e selecionados para participar da pesquisa de campo.

Esse processo terá como um de seus suportes teóricos o modelo *Encoding/Decoding* (codificação/decodificação) de Stuart Hall (2006). De acordo com Hall (2006, p. 116), considerando a perspectiva bakhtiniana, “todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e tempo particulares, desde uma história e uma cultura que são específicas” e “os aparatos, relações e práticas de produção, aparecem, assim, num certo momento (o momento da ‘produção/circulação’), sob a forma de veículos simbólicos constituídos dentro das regras de ‘linguagem’”, o que impacta diretamente a noção de codificação e decodificação ou recepção:

(...) é sob a forma *discursiva* que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum “sentido” é apreendido, não pode haver “consumo”. Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito. (HALL, 2006, p. 366).

Essa concepção implica não apenas a existência de uma articulação ou reciprocidade entre as instâncias de produção e recepção, como também, e mais importante, a inexistência de uma estrutura hierarquizada em que a primeira determina a segunda, conforme enfatiza Hall (2006, p. 377): “a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados”. Isso significa que as três posições hipotéticas a partir das quais o consumo midiático se realiza (Hall, 2006) – (1) dominante ou preferencial, em que a mensagem é decodificada conforme as diretrizes de sua construção; (2) negociada, na qual existe uma influência das condições específicas dos receptores; e (3) oposição, quando existe a proposição de um sentido diferente ou alternativo por parte daquele que recebe a mensagem – não estão dadas, mas resultam de uma atividade de construção em que o receptor/leitor ocupa o papel de protagonista.

São pressupostos que nos aproximam das postulações de Certeau (1994), as quais questionam ostensivamente a posição passiva do consumidor/receptor. O historiador francês mostra a fragilidade da pretensa capacidade atribuída pelos produtores a si próprios, não apenas de informar, mas de definir quais são as “competências” culturais e de leitura dos receptores, e apresenta um novo ponto de vista para a interpretação do processo de assimilação: “Supõe-se que “assimilar” significa necessariamente “tornar-se semelhante” àquilo que se absorve, e não torná-lo semelhante ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele” (CERTEAU, 1994, p. 260-261).

Para Certeau (1994), a introdução da prática da leitura silenciosa contribuiu para tornar o ato de ler ainda mais autônomo em relação ao texto ou à escrita, bem como à definição hegemônica da “boa leitura”, aquela que é socialmente autorizada. As operações de leitura que ocorrem no âmbito do privado, por sua vez, constituem uma “intimidade liberta”, na qual é possível reconhecer as “pequenas astúcias” dos leitores que se manifestam nas “brechas” deixadas pela ortodoxia cultural imposta por uma elite intelectual. Por essa hipótese, o texto se converte em um efeito, uma construção do leitor: “O livro só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam” (CERTEAU, 1994, p. 266).

É nesse sentido que podemos pleitear para a nossa pesquisa em Paraisópolis a tentativa de entender em que medida e por meio de quais processos de significação a obra *Harry Potter*, concebida segundo as estruturas de poder e as lógicas de produção e consumo dos mercados internacional e nacional, transforma-se em uma outra obra, reelaborada a partir do ponto de vista de um outro autor: os seus leitores.

Para o aprofundamento dessa perspectiva, a contribuição de Jauss (1994) é decisiva e também deve ser considerada. A partir da conferência proferida nos anos 1970 inaugurou-se uma nova vertente para a Estética da Recepção, teoria da literatura surgida na década anterior (ZILBERMAN, 2009). Jauss questionou de forma veemente o confinamento do “fato literário” à instância da produção, em vigor até então, ao defender que a obra somente “acontece” de fato na medida em que é lida, interpretada, absorvida:

Ele [o acontecimento literário] só logra seguir produzindo seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras ou seja por elas retomada (...). A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativas dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra. (JAUSS, 1994, p. 26).

As premissas que direcionam os estudos em Estética da Recepção são muito úteis para a abordagem que pretendemos fazer do processo de recepção da obra *Harry Potter*, já delineada na análise da sua discursividade, que a rigor consiste na primeira parte desse

estudo (*corpus*), seguido por uma segunda fase (amostra significativa formada por leitores de Paraisópolis e coleta de produções de sentido), na medida em que a recepção é tratada como um fato social (ZILBERMAN, 2009), ou mais precisamente, por um desdobramento que pleiteamos em função do próprio campo em que esta pesquisa se situa, um *fato de comunicação*. Os estudos colocam na centralidade desse processo o caráter sócio-histórico da recepção, não como um fenômeno primordialmente resultante de reações subjetivas ao texto, mas enquanto uma construção que pode ser situada no tempo e no espaço e resulta na compreensão da obra de um determinado modo:

Ela [a obra] desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

A construção de sentido seria, portanto, baseada numa “relação de troca” entre texto e público, o que aproxima os pressupostos da Estética da Recepção da perspectiva dialógica de Bakhtin:

A relação dialógica entre o leitor e o texto – este é o fato primordial da história da literatura, e não o rol elaborado depois de concluídos os eventos artísticos de um período. A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo (ZILBERMAN, 2009, p. 33).

É nesse sentido que buscamos compreender “a vida que fala” em *Harry Potter* por meio da análise de sua discursividade e das apropriações ou refrações surgidas das leituras atuais feitas em Paraisópolis, que possivelmente permitiriam construir uma obra diferente daquela engendrada originalmente, escrita pela professora escocesa radicada na Inglaterra J.K. Rowling e publicada a partir do final da década de 1990. Diante do exposto, um questionamento pertinente ao trabalho desenvolvido em campo é: Podemos considerar a existência de um *Harry Potter* brasileiro?

Canclini (1998) enfatiza a noção de “obliquidade”, uma espécie de variante do conceito de hibridismo cultural, como chave para entendermos a dinâmica do processo de formação de identidades nos tempos atuais:

Porque todas essas relações se *entrelaçam* umas com as outras, cada uma consegue uma eficácia que sozinha nunca alcançaria. Mas não se trata simplesmente de que, ao se superpor umas formas de dominação sobre as outras, elas se potenciem. O que lhes dá sua eficácia é a obliquidade que se estabelece na trama. Como discernir onde acaba o poder étnico e onde começa o familiar ou as fronteiras entre o poder político e o econômico? Às vezes é possível, mas o que mais conta é a astúcia com que os fios se

mesclam, com que se passam ordens secretas e são respondidas afirmativamente. (CANCLINI, 1998, p. 346-347).

A noção de hibridez e multiculturalidade avança para uma perspectiva de interculturalidade (CANCLINI, 2009), em que, mais do que uma convivência, há uma imbricação das culturas, sendo elas próprias convertidas em espaço de negociação e conflito:

A cultura apresenta-se como *processos sociais*, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social. Não é algo que apareça sempre da mesma maneira. Daí a importância que adquiriram os estudos sobre recepção e apropriação de bens e mensagens nas sociedades contemporâneas. Mostram como um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e reapropriações sociais. E também como, aos nos relacionarmos uns com os outros, aprendemos a ser interculturais. (CANCLINI, 2009, p. 41-42).

O arcabouço teórico do qual lançamos mão tentando traçar uma linha coerente de causas e efeitos que interliga a dinâmica de um sistema global de trocas econômicas à “porosidade” das identificações no posicionamento local/global (CANCLINI, 2009) é precioso para entendermos como ocorreu o surgimento e a difusão da obra *Harry Potter*, exatamente porque deixa entrever as contradições suscitadas pelo lugar que ela ocupa no contexto atual, em que se entrelaçam condições de dominação e autonomia cultural. De fato, houve uma disseminação a partir de um centro hegemônico – Europa e Estados Unidos –, mas nem por isso podemos ignorar a pluralidade de referências surgida do contato da obra com realidades socioculturais diversas, como a latino-americana e, mais precisamente, a brasileira. Assim, *Harry Potter* inscreve-se no cenário da comunicação contemporânea a partir de um duplo horizonte: o da polaridade em que a obra e seus desdobramentos foram gestados e o da multipolaridade de identidades, oriundas não mais do lugar seguro da tradição, mas dos interstícios surgidos da sobreposição de experiências intersubjetivas e coletivas, conforme assinala Bhabha (1998, p.20-21):

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”.

Perspectivas para a constituição de um “protocolo metodológico”

Tentaremos definir um protocolo metodológico a partir de métodos e técnicas pertinentes ao universo da pesquisa de campo de abordagem qualitativa – incluindo

formação de grupo focal (MORGAN, 1997; GASKELL, 2002) para atividades de leitura e discussão, além de entrevista em profundidade (POUPART et al., 2008) e/ou história de vida (LOPES, 2005) – e da necessária reflexão crítica sobre o seu uso (BOURDIEU, 1983, 2007; BOURDIEU et al., 2005; LOPES, 2005; THIOLENT, 1980). De acordo com Thiollent (1980, p. 44), “ao serem incorporadas à pesquisa sociológica, as mais ‘neutras’ técnicas funcionam como ‘teorias’ particulares relativas à representação do objeto investigado”, o que significa que “devem permanecer sob vigilância do pesquisador para evitar sua autonomização para com a teoria propriamente sociológica e, também, para superar o mito do objetivismo observacional”.

Com essa perspectiva em mente e tendo em vista a necessária ruptura das pré-noções preconizada por Bourdieu, o que significa questionar desde a visão de mundo do pesquisador até os próprios métodos e técnicas dos quais lança mão no exercício de seu ofício (BOURDIEU et al., 2005), entendemos ser possível pleitear a adoção, na prática, de procedimentos que vão além das regras estabelecidas para grupo focal, que em seu formato tradicional combina basicamente elementos de entrevista e observação participante (MORGAN, 1997), sem prejuízo da referida técnica. Nesse sentido, as práticas empregadas estariam menos subordinadas aos modelos prontos e mais suscetíveis ao propósito da investigação qualitativa em si, que é a reprodução, na presença do pesquisador, da atribuição de sentido realizada por esses leitores a partir do contato com a obra, especificamente com a discursividade que a constitui. Para tanto, cogita-se a realização de atividades de leitura e debate sobre trechos da obra – correspondentes aos elementos discursivos identificados previamente – por duplas de leitores, cada qual responsável pelo desenvolvimento de um trabalho a ser apresentado e debatido por todos, podendo-se optar por uma apresentação expositiva ou encenada. Dessa forma, acredita-se que as “múltiplas vozes” referidas por Poupart, a propósito da discussão epistemológica sobre o reconhecimento do saber leigo, tenderão a se manifestar, permitindo que as análises realizadas sejam, de fato, um produto do diálogo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados (POUPART et al., 2008).

Os resultados obtidos poderão ter como desdobramento a seleção de um ou dois perfis típicos para a realização de entrevista em profundidade (POUPART et al., 2008) ou história de vida (LOPES, 2005), possibilitando que se infira de forma mais acurada, por meio da perspectiva do sujeito, sobre as possíveis conexões estabelecidas entre o discurso e a recepção da obra *Harry Potter* e a realidade cotidiana dos desfavorecidos e oprimidos

socialmente. O objetivo é fazer emergir o que Bourdieu identifica como “discurso extraordinário” por parte dos pesquisados (BOURDIEU et al., 1997), de forma que manifestem os pontos fundamentais a partir dos quais veem a obra *Harry Potter* e a si mesmos, evidenciando assim os nexos simbólicos dessa relação. Vale lembrar que Bourdieu relativiza as interpretações que os pesquisados fornecem a respeito de sua própria realidade, apontando-as como uma “construção”, que não pode ser confundida com a realidade como ela é, e o pesquisador deve estar atento a isso (BOURDIEU et al., 2005).

Uma evidência empírica já explicitada que merecerá nossa total atenção diz respeito à faixa etária dos leitores. Oficialmente, conforme diretrizes traçadas pelos responsáveis pela publicação e difusão da obra *Harry Potter*, os destinatários são pré-adolescentes e adolescentes dos 11 aos 17 anos, seguindo a proposta de vincular a idade do personagem central – que amadurece um ano a cada volume – à dos seus interlocutores. Não obstante, nas incursões realizadas na comunidade de Paraisópolis constatou-se que essa delimitação (11 a 17 anos) tende a ser flexibilizada em função das condições verificadas na prática. Conversações preliminares com os mediadores locais indicam que a necessidade de lidar com situações sociais adversas ou de maior responsabilidade já na infância e na pré-adolescência implica alterações na trajetória educacional e nas vivências dos receptores, impactando, conseqüentemente, no seu *habitus*. Assim, o interesse pela leitura dos livros da obra *Harry Potter* tenderia a se manifestar mais precocemente, por volta dos 9 anos, enquanto adolescentes a partir de 14 anos estariam mais interessados em atividades culturais práticas, como a participação em grupos de dança e corais.

Com relação à comunidade de Paraisópolis em si, igualmente não será realizado estudo etnográfico, embora entendamos a vivência do e no local como um ponto-chave para o aprofundamento da questão da intersecção entre as diversas dimensões identitárias mobilizadas a partir do contato com a obra *Harry Potter* (BHABHA, 1998; CANCLINI, 2009). Nesse sentido, nossa proposta de trabalho é levar em conta, como parte constitutiva da análise, aspectos inerentes aos atores sociais e ao contexto de Paraisópolis – condição social, dados educacionais, trabalho, lazer, cultura, religião etc. –, cujo entendimento poderá ser feito, por exemplo, a partir das noções de gosto, *habitus*, lutas simbólicas e classe elaboradas por Bourdieu (1987; 2007).

Integra-se de forma necessária à referida empreitada a compreensão das peculiaridades que marcam a configuração de Paraisópolis no espaço metropolitano paulistano a partir dos anos 1960. Tendo como causa imediata a fixação no bairro do

Morumbi, zona Sul da cidade de São Paulo, de trabalhadores de origem nordestina que atuaram na construção do Palácio do Governo (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1995), o surgimento da favela deve ser entendido dentro de um contexto mais amplo que remete ao intenso processo de urbanização ocorrido em países periféricos a partir da segunda metade do século XX. A concentração de pessoas em espaços urbanos que logo se viram saturados levou ao agravamento de problemas habitacionais da população de baixa renda e ao consequente deslocamento de grupos sociais de maior vulnerabilidade social para regiões cada vez mais distantes da área central (FREITAG, 2006).

Não obstante, em meio ao cenário de pobreza extrema, Paraisópolis se apresenta como fenômeno atípico, caracterizado pela existência de uma “estrutura de oportunidades” (ALMEIDA e D’ANDREA, 2004) advinda do comércio local bastante dinâmico e da própria contiguidade espacial com residências e condomínios de alto padrão, o que também repercute em possibilidades de trabalho para seus habitantes, tanto na construção civil quanto em ocupações domésticas. Outro aspecto peculiar é a formação de uma sólida rede de relações sociais, que abrange desde vínculos de solidariedade entre parentes e conhecidos até a atuação contínua de associações de caráter religioso e civis, incluindo grande número de ONGs prestadoras de serviços sociais à comunidade (ALMEIDA e D’ANDREA, 2004), entre as quais estão as entidades selecionadas neste projeto para auxiliar no rastreamento de leitores em Paraisópolis.

Acreditamos que o aprofundamento dos referidos aspectos a ser feito oportunamente contribuirá sobremaneira para que a experiência dos pesquisados seja apreendida senão em sua totalidade – para Bourdieu (1997: 699) o objetivo maior da pesquisa é realizar o que ele chama de “compreensão”, uma tentativa de situar-se mentalmente no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social –, ao menos em nível satisfatório para a elucidação do problema de pesquisa.

Paraisópolis em vista aérea. (www.maismorumbi.com.br)



Interior da comunidade. (gl.globo.com)



A necessidade de recorrer a uma bibliografia especializada nas formas de interação do leitor juvenil com o universo literário, considerando-se as peculiaridades desse público, é uma preocupação decorrente das condições da pesquisa empírica, considerando-se que a amostra selecionada é composta por leitores com esse perfil. Entretanto, como o estudo de recepção será realizado a partir da perspectiva cultural, a necessidade de utilização desse ferramental teórico poderá ser relativizada sem prejuízo da cientificidade e da credibilidade da pesquisa. De qualquer forma, é necessário ter como horizonte reflexivo a complexidade que envolve a condição e a cultura juvenis na contemporaneidade, particularmente no que tange a aspectos de produção e apropriação de conteúdos pelo público jovem. Para além da perspectiva histórica e universal, a proposta é focar na compreensão das diferenças que marcam os repertórios compartilhados entre a série de livros *Harry Potter* e o segmento específico de leitores existente em Paraisópolis, reforçando-se aqui a importância do mapeamento de informações relacionadas a variáveis de classe, etnia, gênero, nível de escolaridade, consumo cultural, hábitos de leitura etc. Nas palavras de Borelli (2008, p.71-72):

(...) em conexão com a leitura universal, efetiva-se, simultaneamente, um processo de apropriação que é também singular e diz respeito à inserção particular desses jovens em um pedaço do mundo: sua classe social, condição étnica, ser menino ou menina, entre outros indicadores que marcam, ao mesmo tempo, a singularidade e a diversidade cultural.

Para tanto, aventamos a possibilidade de aplicação, durante o trabalho de campo, de formulário de perguntas e respostas sobre os itens mencionados a ser preenchido pelos participantes da pesquisa. O procedimento encontra-se em fase de planejamento, sem perder de vista que se trata de amostra significativa e não representativa, não permitindo a generalização das conclusões sobre resultados auferidos.

Estágio atual da pesquisa de campo

O levantamento prévio das condições para a realização do trabalho de campo na comunidade de Paraisópolis já está em andamento, com diversas incursões realizadas à região que resultaram na identificação de três espaços locais para coleta e seleção de evidências empíricas: – Estação de Conhecimento Einstein, vinculada ao núcleo de pesquisa em Infoeducação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da ECA-USP; Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA; e Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei). Essas entidades são responsáveis por programas de incentivo à leitura instalados na comunidade e seus representantes têm-se mostrado receptivos às demandas da pesquisa de

campo, atuando como mediadores perante a comunidade. Com sua colaboração já foi definida amostra inicial de 28 leitores espontâneos da obra *Harry Potter*, a partir da qual se pretende fazer a seleção de 10 a 12 leitores (amostra significativa) para participação em atividades de leitura e discussão (grupo focal) a serem desenvolvidas pelo pesquisador em espaço cedido pela Estação Einstein, uma das entidades encarregadas do rastreamento de leitores em Paraisópolis.



Estação de Conhecimento Einstein. (Acervo da entidade)



Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA. (Acervo da entidade)



Biblioteca Comunitária de Paraisópolis. (Acervo da entidade)

Para a seleção dos participantes, o meio técnico escolhido, e já em execução com a mediação dos responsáveis por cada uma das entidades locais (Estação de Conhecimento Einstein, Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA e Biblioteca Comunitária de Paraisópolis – Becei), é a proposição aos integrantes da amostra inicial para que redijam um texto sobre sua experiência com a obra *Harry Potter*. Um dos fatores impeditivos para a

opção pelo uso de um questionário com perguntas fechadas, por exemplo, foi a discrepância interna da amostra inicial de 28 nomes já definida, que engloba leitores de 9 a 18 anos. Ao mesmo tempo, conforme diretriz bourdieusiana, a intenção é evitar a chamada “imposição da problemática de pesquisa” e criar condições para o surgimento de uma “autoanálise provocada e acompanhada”, em que o pesquisado enuncia de forma expressiva experiências e reflexões já cultivadas e ainda não reveladas (BOURDIEU et al., 1997).

Na prática, coube aos mediadores entrar em contato com os leitores identificados e consultá-los sobre a disponibilidade de participar de uma pesquisa com temática relacionada aos livros da série *Harry Potter*. Não foram fornecidos maiores detalhes aos potenciais participantes da pesquisa, pois a intenção neste momento é justamente evitar qualquer tipo de direcionamento prévio que comprometa o registro do interesse espontâneo pela obra manifesto pelos leitores em seu cenário natural.

Aqueles que manifestarem interesse redigirão o referido texto sem definição prévia de número de linhas e com a temática o mais ampla possível. Vale ressaltar que não se trata propriamente de um "texto-livre", na terminologia pedagógica, porque não abre a possibilidade, por exemplo, de o participante fazer apenas um desenho ou uma pintura. A ideia é que eles mostrem mínima familiaridade com a prática da leitura e da escrita, considerando a intenção de propor aos participantes do grupo focal a realização de dinâmicas que suscitem atividades desse tipo. A proposta temática para o texto escrito pelos leitores foi definida a partir de uma solicitação clara e precisa:

Escreva livremente sobre sua experiência de leitura da obra Harry Potter.

Chegou-se a cogitar a possibilidade de os leitores contatados postarem seus textos em *blogs* ou nas comunidades mantidas pelos mediadores em redes sociais como o Facebook, considerando a familiaridade desses jovens com a internet, entretanto questões operacionais internas, como a transição para um novo sítio na internet de uma das entidades, acabaram por inviabilizar o procedimento. Assim, duas das entidades (Estação Einstein e Espaço BM&FBOVESPA) decidiram aproveitar a presença dos leitores nas suas dependências, durante a participação nas atividades por elas oferecidas, e solicitar a produção textual. Já a Biblioteca Becei fez o contato com os leitores rastreados via telefone e *e-mail*, sendo este último o suporte pelo qual estão enviando suas produções.

Após a conclusão da coleta dos textos redigidos pelos integrantes da amostra inicial, será feito um recorte que resultará na composição de amostra significativa e a consequente realização de pesquisa de recepção qualitativa, com trabalho de explicitação de significados

mais denso. O passo seguinte será a montagem do grupo focal e a realização de entrevista em profundidade ou história de vida com um ou dois perfis típicos identificados.

Os achados e resultados obtidos no estudo de recepção serão confrontados com dados resultantes de análises descritivas e interpretativas, à luz dos pressupostos teóricos aqui apresentados e daqueles pertinentes às demais etapas do projeto. O intuito é permitir que o trabalho do pesquisador atinja seu nível mais alto em termos de síntese, abstração e generalização, favorecendo a elucidação do objeto de pesquisa (LOPES, 2005).

Considerações finais

As novas formas de comunicação exercem um protagonismo evidente na sociedade contemporânea. Organizam e reorganizam sentidos. Constroem novas vivências. Fenômenos como a franquia *Harry Potter*, que transita por diferentes plataformas midiáticas e se mostra capaz de mobilizar um público sem precedentes⁷, são depositários de pistas relevantes para a compreensão do processo de construção de identidades e das trocas culturais realizadas no contexto das novas formas de comunicação na contemporaneidade. Acreditamos que essas pistas podem ser analisadas em profundidade a partir dos referenciais teórico-metodológicos disponibilizados nas linhas de pesquisa que integram a área de Ciências da Comunicação.

Fazer o recorte empírico da investigação proposta recair sobre a série de livros da franquia *Harry Potter* exigirá que ela seja contextualizada em seus aspectos históricos, mercadológicos e relacionados à produção editorial em si, mas o desafio maior do presente projeto é conseguir, na análise da discursividade dos setes livros que compõem a franquia e do seu confronto com as leituras realizadas por moradores de Paraisópolis, maior favela da cidade de São Paulo e região de vulnerabilidade social, evidenciar a complexa tessitura comunicacional formada a partir das intersecções entre espaços globais e locais num contexto de cultura mundializada.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiaraju. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 68, p. 94-106, 2004.
- AMORIM, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Pró-Livro, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁷ De acordo com informação da editora americana Scholastic, a obra *Harry Potter* foi publicada em 200 países e traduzida para 74 idiomas. Disponível no endereço: < <http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

- _____. (VOLOCHÍNOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORELLI, Silvia H. S. e FILHO, João Freire (orgs). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo, EDUC, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 122-155.
- _____. “What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups”. *Berkeley Journal of Sociology*. Berkeley, CA: University of California Press, n. 32, 1987, p. 1-49.
- _____. Compreender”. In: BOURDIEU, P. (coord). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 693-713.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007, p. 155-182.
- BOURDIEU, Pierre et al. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. *Diferentes, desiguais e desconectados: Mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FREITAG, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS (org.). *A importância da participação comunitária na questão da educação e da pobreza*. São Paulo: Departamento de Pesquisas Educacionais, 1995.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; Gaskell, G. (eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 64-89.
- HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2008.
- LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.; MARTIBO, L.C. (orgs). *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 27-49.
- MORGAN, D. *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. London: Sage Publications, 1997.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.
- POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, partes II e III, 2008, p. 127-352.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2009.
- Sites**
- Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.
- Disponível em: <<http://paraisopolis.org/multidentidades-de-paraisopolis/paraisopolis/>>. Acesso em 30 mar. 2014.